

# **“O IMPACTO DO 'JACK' NA CULTURA JUVENIL: A ASCENSÃO DE UM TERMO CARCERÁRIO NA MÍDIA SOCIAL E SEUS REFLEXOS EM JOVENS, CRIANÇAS E ADOLESCENTES”**

Tiago Nogueira Hyra Chagas Rodrigues

*Professor Doutor, do Programa de PPGSEG - UVV*

E-mail: [tiago.rodrigues@uvv.br](mailto:tiago.rodrigues@uvv.br)

Luciene Vianna de Araujo

*Estudante - doutorado do Programa de PPGSEG - UVV*

E-mail: [lucienearaujoporto@gmail.com](mailto:lucienearaujoporto@gmail.com)

Lucas Araujo Porto

*Estudante - doutorado do Programa de PPGSEG - UVV*

E-mail: [lucasaraujoporto77@gmail.com](mailto:lucasaraujoporto77@gmail.com)

Rayssa Felix Machado Araujo Porto

*Estudante - mestrado do Programa de PPGSEG - UVV*

E-mail: [rayssamachado42@gmail.com](mailto:rayssamachado42@gmail.com)

## **RESUMO**

Esta pesquisa investiga o fenômeno sociolinguístico da apropriação do termo "Jack", originalmente usada em presídios, migrou para conversas do dia a dia e para o universo dos jovens, especialmente nas redes sociais. A pesquisa busca entender como essa expressão, que antes servia para identificar de forma negativa quem cometeu crimes sexuais na cadeia, passou a ser usada em posts e outras formas de conteúdo online. O que era um código secreto e um jeito de certos grupos se reconhecerem está mudando de sentido, podendo até perder sua força original. O artigo analisa o que faz essa gíria se espalhar e como ela afeta a maneira como os jovens se veem, além de mudar o que eles pensam sobre crimes e a vida em sociedade. O foco principal é entender a relação entre a linguagem usada por criminosos, o mundo digital e a forma como os jovens aprendem a viver em sociedade. Com isso, espera-se contribuir para discussões sobre como a linguagem influencia a segurança de todos e os comportamentos na sociedade de hoje. Baseado em estudos da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1988; Labov, 1972) e da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), o artigo também avalia o que isso significa para as ações do governo nas áreas de segurança, educação e reintegração social, ressaltando a importância de entender a linguagem para evitar problemas entre os jovens.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Segurança Pública; Violência simbólica.

## **ABSTRACT**

This research investigates the sociolinguistic phenomenon of the appropriation of the term "Jack," originally used in prisons, which has migrated to everyday conversations and the youth universe, especially on social media. The research seeks to understand how this expression, which previously served to negatively identify those who committed sexual crimes in prison, came to be used in online posts and other forms of content. What was once a secret code and a way for certain groups to recognize each other is now changing its meaning, potentially even losing its original force. The article analyzes what causes this slang to spread and how it affects the way young people see themselves, as well as how it changes what they think about crime and social life. The main focus is to understand the relationship between the language used by criminals, the digital world, and the way young people learn to live in society. With this, we hope to contribute to discussions on how language influences public safety and behaviors in today's society. Based on studies in Interactional Sociolinguistics (Gumperz, 1988; Labov, 1972) and Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001), the article also evaluates what this means for government actions in the areas of security, education, and social reintegration, highlighting the importance of understanding language to prevent problems among young people

**Keywords:** Sociolinguistics; Public Security; Youth; Symbolic Violence.

## 1. INTRODUÇÃO

A linguagem, enquanto sistema vivo e dinâmico, é constantemente reconfigurada para refletir transformações sociais. Com o advento das plataformas de mídia social, essa capacidade foi potencializada, transformando a circulação de expressões linguísticas, especialmente de gírias oriundas de contextos restritos. Este artigo debruça-se sobre o termo "Jack", inicialmente utilizado no sistema prisional brasileiro para designar com conotação pejorativa indivíduos condenados por crimes sexuais, e sua incorporação na cultura juvenil mediada por mídias digitais.

As gírias e expressões culturais tem sua origem em contextos restritos, como o sistema penitenciário, frequentemente transcendem os muros de origem e penetram no léxico popular, especialmente por meio das plataformas digitais (Matos, 2014; Galindo, 2021).

Esse fenômeno estimula debates acerca do impacto social e psicológico da vulgarização de termos ligados à criminalidade na formação da identidade de jovens e adolescentes, um público especialmente vulnerável em processo formativo.

O termo "Jack" exemplifica emblematicamente essa trajetória. Nascido no interior do sistema carcerário brasileiro como uma designação depreciativa para estupradores, o vocábulo teve seu significado profundamente alterado ao ser usado e ressignificado na cultura digital. Originalmente, "Jack" representava um código de exclusão dentro da subcultura carcerária, funcionando como uma metáfora violenta e um mecanismo de demarcação social (Massola, 2015).

Impulsionada por eventos midiáticos e produção musical periférica, sua disseminação nas redes sociais e na cultura pop, transformou-o em uma expressão de uso massivo e descontextualizado, banalizando seu peso simbólico (Beato Filho; Lima, 2018).

O processo de migração léxica de contextos fechados para a esfera pública não é inédito, mas, com o advento das redes sociais, ganhou velocidade e alcance inéditos nas últimas décadas. A banalização digital do termo "Jack" levanta questões sobre a banalização da violência e sua influência na formação identitária juvenil.

Este artigo parte da hipótese de que a migração e banalização de "Jack" enquanto gíria carcerária na cultura digital juvenil traz em seu bojo, a contribuição para a normalização simbólica da violência e da criminalidade, afetando negativamente a socialização dos jovens e adolescentes. Utilizando a Sociolinguística Interacional como arcabouço teórico e metodológico (Gumperz, 1988; Labov, 1972), aliados à Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), o estudo investiga as implicações sociais, psicológicas e políticas deste fenômeno, além de propor recomendações para educadores, mídia e formuladores de políticas públicas.

Enfim a pesquisa investiga os processos sociais, culturais e midiáticos que contextualizam essa apropriação, analisando as consequências para a compreensão da criminalidade e do discurso público sobre segurança.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Sociolinguística Interacional, Gírias e Identidade Social**

A Sociolinguística Interacional valoriza a relação intrínseca entre linguagem, cultura e identidade social (Gumperz, 1988). De acordo com Gumperz, a interação face a face não é apenas um ato comunicativo, mas também um espaço de negociação de identidades, valores e ideologias. As gírias, em particular, são entendidas como códigos de grupos sociais marginalizados, constituindo instrumentos de proteção, identificação e resistência (Preti, 2004).

As prisões são espaços paradigmáticos para o surgimento e uso de gírias secretas, onde o vocabulário funciona como mecanismo de exclusão simbólica (Matos, 2014). O léxico carcerário, marcado por metáforas, eufemismos e palavras inventadas, revela a realidade social dos condenados e a hierarquia interna, ao mesmo tempo mantém o sigilo frente às autoridades (Matos, 2014). Tal linguagem cumpre também o papel de preservar a "fachada" social e identidade do grupo, conforme exposto em Goffman (2012).

### **2.2. A Linguagem Criminal e a Violência Simbólica**

Bagno (2010) enfatiza que o preconceito linguístico mostra e reproduz preconceitos sociais e ideológicos, normalizando processos de exclusão e discriminação. A linguagem da criminalidade, embora estigmatizada, é um instrumento de poder e identidade para os grupos marginais (Bourdieu, 1998). A gíria "Jack", ao nomear os estupradores, é um exemplo dessa dinâmica, trabalhando como um símbolo de repulsa interna, e reforçando papéis sociais e morais dentro da subcultura prisional (Silva, 2008).

Porém, a transposição dessa linguagem para além dos muros do sistema prisional, especialmente em contextos midiáticos e digitais, promove a dissociação entre o termo e seu significado original, favorecendo a trivialização da violência simbólica (Schwarcz, 2019) e alimentando uma "cultura do estupro", na qual a gravidade do crime é diminuída pela linguagem banalizada.

A linguagem, para Bourdieu, não é um simples meio de comunicação, mas uma forma de capital simbólico que opera em um "mercado linguístico". Nesse sentido, o autor argumenta que "o poder simbólico, com efeito, só se exerce se for reconhecido, isto é, se o grupo social ao qual se dirige, ou parte dele, for receptivo a ele" (Bourdieu, 1998, p. 14). A utilização e

compreensão da gíria carcerária por seus membros, reforça o poder e a coesão do grupo, enquanto sua incompreensão por terceiros demarca as fronteiras de uma subcultura. A gíria se torna, portanto, um simbolismo de poder e pertencimento, exercendo uma forma de dominação simbólica sobre o "não-iniciado" e, ao mesmo tempo, validando a identidade do grupo.

Nesse prisma, Bagno (2010) aprofunda a crítica ao preconceito linguístico, ressaltando que a ideia de uma língua única e igual para todos é uma construção ideológica que serve para legitimar a dominação das classes dominantes. Em sua obra, ele afirma que "A língua não é um corpo homogêneo e coerente, mas um conjunto de variedades em luta, uma arena onde se manifestam as contradições sociais" (Bagno, 2010, p. 56).

Assim, o estudo da gíria e sua disseminação na sociedade revela essas "contradições", trazendo a luz o modo como a linguagem pode ser utilizada para construir e desconstruir identidades, perpetuar estigmas e até mesmo diluir a gravidade de crimes sociais por meio de sua ressignificação e banalização.

### **2.3. Comunicação Mediada e a Cultura Digital**

A maneira como nos comunicamos online, através de dispositivos como computadores, proporciona um ambiente propício para a rapidez e informalidade no uso da linguagem (Crystal, 2001). As redes sociais facilitam a expansão de gírias que antes eram usadas apenas por certos grupos, e os jovens as adotam para mostrar quem são e a que pertencem (Zaluar, 2004).

A cultura pop e a música popular funcionam como vetores importantes da legitimação dessas expressões, conferindo autenticidade e simbolizando rebeldia juvenil (Beato Filho; Lima, 2018). Assim, elementos da linguagem carcerária, como "Jack", tornam-se componentes significativos do léxico juvenil, mesmo que os jovens muitas vezes são desprovidos de compreensão do peso original.

### **2.4. Sociolinguística da Exclusão e Linguagem Penal**

O sistema de gíria carcerária representa um sistema linguístico complexo decorrente das relações sociais específicas das pessoas inseridas ambiente prisional (Matos, 2014). Ela é instrumento de coesão, identificação e diferenciação dos internos, funcionando como um código criptológico hermético para evitar a compreensão por agentes externos (Matos, 2014). Essa linguagem marginal tem um forte peso ideológico e moral dentro dela, criando divisões e punições sociais constantes, como a forte reprovação de estupradores (chamados de "Jack") entre os detentos (Matos, 2014).

## **2.5. Comunicação Imediata e a Cultura Digital Juvenil**

A comunicação mediada por computador (CMC) oferece ambiente propício para o aumento da velocidade de disseminação de gírias, convertendo códigos fechados em símbolos culturais mais amplos (Crystal, 2001). A legitimidade trazida pela adoção em música urbana, especialmente funk e rap, incrementa a circulação da linguagem prisional na cultura popular (Beato Filho & Lima, 2018).

As mídias online anuem que gírias antes restritas a grupos fechados se disseminem amplamente, sendo apropriadas pela cultura juvenil para construção de identidade e pertencimento (Zaluar, 1994).

A cultura pop e a música popular trabalham como vetores importantes da legitimação dessas expressões, conferindo autenticidade e simbolizando rebeldia juvenil (Beato Filho; Lima, 2018). Assim, elementos da linguagem carcerária, como "Jack", tornam-se componentes significativos do léxico juvenil, embora muitas vezes despojados da compreensão do peso original.

Este fenômeno causa descontextualização da linguagem, frequentemente vinculada à banalização de conceitos violentos (Schwarcz, 2019).

## **3. METODOLOGIA**

Este estudo se apoia em uma revisão bibliográfica e documental criteriosa, integrando pesquisas sociolinguísticas e estudos acadêmicos sobre linguagem carcerária, cultura digital e segurança pública, além de análise crítica de discursos midiáticos e da cultura juvenil nas redes sociais. Entre os materiais utilizados estão dissertações (Matos, 2014; Galindo, 2021), estudos sociológicos (Zaluar, 2008), e análise do fenômeno da gíria "Jack" no contexto digital, fundamentada em contribuições recentes da academia em segurança pública (Beato Filho; Lima, 2018).

A abordagem qualitativa permite a compreensão dos sentidos, negociações sociais e implicações do uso do termo "Jack", correlacionando seus aspectos linguísticos e socioculturais para inferir impactos na identidade e comportamento juvenil.

### **3.1 Tipo de Pesquisa**

A pesquisa é qualitativa, fundamentada na Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1988; Labov, 1972) e na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), buscando compreender tanto o uso linguístico quanto seu contexto social e político.

### **3.2 Coleta de Dados**

Foram analisados dados provenientes de mídias digitais (ex.: TikTok, Instagram, YouTube), letras musicais, reportagens, debates políticos, e literatura acadêmica correlata. A pesquisa também utilizou fontes etnográficas sobre a gíria carcerária brasileira (Matos, 2014; Galindo, 2021).

### **3.3 Análise**

A análise adotou procedimentos qualitativos interpretativos, avaliando a trajetória semântica do termo "Jack", seus usos no cárcere e sua transformação na esfera digital.

Dados midiáticos foram codificados para identificar padrões discursivos e impactos socioculturais na juventude.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1. O Surgimento e Função da Gíria "Jack" no Sistema Prisional**

No cárcere, "Jack" funciona como uma gíria codificada e de forte carga pejorativa que designa presos condenados por crimes sexuais, especialmente estupro (Silva, 2008). Ela opera como uma representação figurada de valores morais, delimitando barreiras internas de exclusão social e punição simbólica. O termo deriva de "Jack, o Estripador", oferecendo um revestimento semântico de horror e desprezo (Silva, 2008).

Essa gíria exerce papel crucial na formação da identidade e da hierarquia, servir de instrumento de poder e manter a coesão delitiva (Matos, 2014). Seu uso ilustra a dinâmica linguística dos grupos prisionais, em que o sigilo e a criptologia visam garantir exclusividade comunicativa e facilitar a prática criminosa (Prete, 2004).

Tal função criptográfica é fundamental para a permanência e para a vida social dentro do sistema carcerário. A linguagem se torna um código secreto que garante a privacidade do grupo, impedindo que informações sensíveis cheguem às autoridades. A gíria "Jack", por ser um termo altamente específico e pejorativo, serve como uma forma de controle social e disciplinamento interno, marcando o corpo e a identidade do indivíduo de forma indelével. Essa estigmatização simbólica serve como uma punição que vai além da pena imposta pela justiça, evidenciando a capacidade da linguagem em definir as hierarquias sociais.

A gíria também age como um mecanismo de coesão grupal, além de sua função de exclusão. Os membros do grupo reforçam sua identidade coletiva e sua separação do restante da sociedade e dos indivíduos considerados párias dentro do próprio sistema prisional, através da utilização de um vocabulário comum e exclusivo. Goffman (2012), em sua análise da

interação social, argumenta que o alinhamento de um falante ("footing") em relação a um grupo é crucial para a dinâmica social. A utilização da gíria, nesse sentido, é um ato performático que demonstra a afiliação do falante e sua adesão às normas e aos valores do grupo.

A invenção de novas gírias no ambiente prisional, como "Jack", reflete o contínuo esforço dos grupos marginais buscando identidade e autonomia na expressão. Preti (2004) aponta que a gíria é um reflexo das "vicissitudes da vida e do pensar de um grupo social", e que sua análise nos permite compreender as nuances da cultura e da ideologia desses grupos. O termo "Jack", portanto, é mais do que uma palavra; é um artefato cultural que encapsula o desprezo, a violência e a hierarquia que permeiam a vida no cárcere. Sua existência e seu uso contínuo revelam as complexas dinâmicas de poder e as estratégias de sobrevivência simbólica que operam nesse ambiente.

#### **4.2. O Papel Identitário da Gíria "Jack" e o impacto na Formação Juvenil**

No sistema prisional, "Jack" é uma exclusão linguística que marca a condenação social simbolizada no termo, espelhando uma escala de valores própria daquele ambiente.

A apropriação do termo pela juventude representa um evento sociolinguístico que sinaliza pertencimento a uma subcultura marginalizada e rebelde (Zaluar, 2004). Contudo, a dissociação entre linguagem e significado real resulta em normalização simbólica da violência. A trivialização de um termo que originalmente carrega repulsa interna promove a cultura onde ninguém se sente responsável por seus atos e onde discursos agressivos são frequentes (Schwarcz, 2019).

Nesse cenário, a linguagem funciona nesse contexto como construtora social da realidade, influenciando atitudes e comportamento juvenil, o que demanda atenção das áreas de educação e segurança pública para mitigar consequências sociais deletérias (Berger & Luckmann, 1966).

Entretanto, a transposição da gíria "Jack" para o universo juvenil e digital, no entanto, segue uma lógica distinta daquela utilizada no cárcere. A apropriação do termo, neste novo contexto, é um sintoma da violência simbólica que permeia a socialização de jovens e adolescentes, como analisa Alba Zaluar. A autora destaca que a violência urbana e a criminalidade exercem uma atração servindo como exemplos de conduta, poder e status, especialmente para aqueles que se sentem excluídos ou marginalizados pela sociedade. O uso do termo "Jack" fora de seu contexto original, desprovido de seu significado punitivo, é uma demonstração de apropriação de um "código de rua" sem o perigo real da vida prisional.

Frequentemente, a linguagem do crime é assimilada pela juventude, como um elemento de autenticidade e rebeldia. Ao usar gírias como "Jack", os jovens buscam construir uma identidade que os diferencie das normas sociais convencionais. A mimetização de um

vocabulário marginalizado é um ato de identidade de grupo que estabelece fronteiras simbólicas entre "nós" (os que entendem o código) e "eles" (os que não o entendem). Esse fenômeno, de acordo com Preti (2004), é um reflexo da busca por novas maneiras de expressão e pertencimento, que se manifestam em uma linguagem que é, simultaneamente, excludente e segregadora.

A trivialização da violência que essa linguagem representa, é acelerada através da disseminação da mesma pela cultura digita. Nas redes sociais e em plataformas de entretenimento, o termo "Jack" pode ser utilizado de forma descontextualizada, por meio de memes, hashtags ou comentários, tornando a séria questão do estupro em um tema de escárnio ou piada. Essa banalização (Schwarcz, 2019) é perigosa, pois desumaniza a vítima e normaliza a violência. Para Bourdieu (1998), a naturalização desse tipo de linguagem no discurso público reforça a reprodução das desigualdades e violências sociais, pois os jovens assimilam o termo sem o devido entendimento de suas implicações morais e sociais.

A apropriação do termo "Jack" também demonstra a fragilidade da educação e das políticas públicas de segurança e ressocialização. Zaluar (1994) defende que a ausência de espaços de socialização saudáveis e a exposição à violência simbólica e real levam a juventude a internalizar valores criminais. A linguagem, nesse sentido, é uma das principais vias dessa assimilação, servindo como uma porta de entrada para uma visão de mundo onde a violência é um recurso legítimo. As políticas públicas, portanto, precisam ir além do combate à criminalidade e abordar a cultura da violência, intervindo em como essa linguagem transforma a percepção e o comportamento dos jovens.

Em resumo, a transição da gíria "Jack" para a cultura juvenil é um exemplo de como a linguagem é pura reflexão de um campo de batalha ideológico. De um lado, ela é usada por um grupo marginalizado para se proteger e estabelecer hierarquias; do outro, é apropriada e re-significada por jovens que buscam identidade, mas que, inadvertidamente, trivializam a violência que a palavra representa. O estudo desse fenômeno linguístico, fundamentado em Zaluar e nos demais autores, destaca a urgência de uma educação crítica que capacite a juventude a decodificar os mecanismos da violência simbólica e a construir uma identidade baseada em valores mais positivos e solidários.

### **4.3. Transição para a Cultura Digital e a Banalização na Mídia**

A viralização de "Jack" nas redes sociais, turbinada pela mídia e sua adoção em manifestações culturais juvenis, diminuiu o peso original do termo, transformando-o em uma gíria corriqueira e às vezes um insulto banal.

A expansão do termo avançou para o espaço público e digital especialmente após o debate político televisivo de 2024, quando "Jack" foi usado como ofensa política ao se referir a um adversário. A repercussão nas redes sociais, particularmente TikTok, provocou viralização e

a transformação do termo em meme, perdendo sua conotação original e consolidando-se na gíria popular juvenil.

Conforme mostram os estudos de Crystal (2001) e Beato Filho e Lima (2018), a cultura digital facilitou o acesso à gíria, facilitando sua circulação entre jovens que descontextualizam seu uso, causando banalização da gravidade do crime associado.

Essa transposição para o ambiente digital representa uma nova fase no "mercado linguístico" de Bourdieu (1998). Se no cárcere o "capital simbólico" da gíria estava restrito a um grupo social, a viralização nas redes sociais democratiza o seu uso, permitindo que apropriação e a ressignificação ocorram em larga escala. A mídia, neste processo, atua como um mediador que legitima e socializa um vocabulário que antes era marginalizado, reforçando a violência simbólica ao tornar o inaceitável em algo trivial e até mesmo divertido.

A apropriação juvenil do termo, longe de ser uma mera imitação, é um ato de identidade performática (Goffman, 2012). Os jovens, ao utilizarem o termo "Jack" fora de seu contexto punitivo, não estão necessariamente adotando uma identidade criminosa, mas sim usando a linguagem como um acessório cultural para expressar rebeldia, ironia ou pertencimento a um grupo que está "por dentro" do código. Nesse sentido, a gíria atua como um mecanismo de exclusão para aqueles que não compreendem a referência, demarcando as fronteiras de uma subcultura digital que opera com base em seu próprio conjunto de normas e códigos.

A trivialização da violência que acompanha essa ressignificação é o ponto mais crítico. A transformação de um termo para estuprador em um meme (Schwarcz, 2019) ou em um insulto genérico esvazia a palavra de sua carga semântica e moral. Isso contribui para a normalização da violência e para o distanciamento da juventude em relação às consequências reais dos crimes. O uso de uma gíria com essa origem, mesmo que de forma inconsciente, traz em seu bojo, o poder de insensibilizar os jovens para a gravidade da violência sexual, o que é um risco para a formação de sua consciência social e para a prevenção do crime.

De acordo com as reflexões de Alba Zaluar, essa apropriação da linguagem do crime é um sintoma da atração que a cultura da violência exerce sobre a juventude, especialmente em contextos de vulnerabilidade. A cultura digital, ao facilitar o acesso a essa linguagem, amplifica o problema. Jovens que se sentem excluídos do mercado de trabalho ou da educação formal podem encontrar um senso de pertencimento e poder em um vocabulário que desafia as normas estabelecidas. O termo "Jack" se torna, então, uma forma de expressão dessa insatisfação, mesmo que de forma descontextualizada.

Em última análise, o fenômeno da gíria "Jack" na cultura digital ressalta a urgência de uma educação sociolinguística crítica. É fundamental que as políticas públicas de segurança e educação se voltem para a compreensão de como a linguagem molda a percepção da realidade. Conforme Melo (2016) e Galindo (2021), a reintegração social e a prevenção da violência passam pela capacitação dos jovens em decodificar a violência simbólica, compreendendo que as palavras têm peso e que a banalização de um termo como "Jack"

pode ter implicações reais e graves para a sociedade como todo e em especial para a vida das vítimas.

#### **4.4. Implicações Psicológicas e Sociais da Violência Simbólica e o Preconceito Linguístico**

Paradoxalmente, enquanto a linguagem carcerária é estigmatizada no sistema penal e na sociedade, sua utilização online a torna surpreendentemente conhecida. O preconceito linguístico seletivo, que marginaliza usuários legítimos e celebra adeptos midiáticos, reforça exclusões sociais e culturais existentes (Bagno, 2010).

Essa descontextualização pode contribuir para a banalização da violência, afetando a construção identitária dos jovens, notadamente em áreas de vulnerabilidade social, e refletindo paradoxos sociais entre rejeição e apropriação da linguagem marginal.

Esse dilema evidencia a necessidade de políticas públicas integradas que considerem a dimensão sociolinguística, buscando a reinserção social por meio de um ensino de línguas que questione a realidade e da criação de oportunidades sociais verdadeiras para os jovens em situação de risco (Melo, 2016; Galindo, 2021).

A utilização da gíria "Jack" pelo universo juvenil e digital, no entanto, opera em uma lógica distinta daquela do cárcere. A assimilação do termo, neste novo contexto, é um sintoma da violência simbólica que permeia a socialização de jovens e adolescentes, como analisa Zaluar. A autora ressalta que a violência nas cidades e o crime atraem e servem de exemplo de comportamento, poder e importância, principalmente para aqueles que se sentem deixados de lado ou marginalizados pela sociedade.. O uso do termo "Jack" fora de seu contexto original, desprovido de seu significado punitivo, é uma demonstração de apropriação de um "código de rua" sem o risco real da vida prisional.

Para a juventude, a linguagem do crime é frequentemente assimilada como um elemento de autenticidade e rebeldia. Ao usar gírias como "Jack", os jovens buscam construir uma identidade que os destaque em meio as normas sociais convencionais. A mimetização de um vocabulário marginalizado é um ato de identidade de grupo que estabelece fronteiras simbólicas entre "nós" (os que entendem o código) e "eles" (os que não o entendem). Esse fenômeno, de acordo com Preti (2004), é um reflexo da busca por novas formas de expressão e pertencimento, que se manifestam em uma linguagem que é, simultaneamente, excludente e coesiva.

A disseminação dessa linguagem pela cultura digital acelera a trivialização da violência que ela representa. Nas redes sociais e em plataformas de entretenimento, o termo "Jack" pode ser utilizado de forma descontextualizada, por meio de memes, hashtags ou comentários, tornando a séria questão do estupro em um tema de escárnio ou piada. Essa banalização (Schwarcz, 2019) é perigosa, pois desumaniza a vítima e normaliza a violência. Para Bourdieu

(1998), a naturalização desse tipo de linguagem no discurso público reforça a reprodução das desigualdades e violências sociais, pois os jovens assimilam o termo sem o devido entendimento de suas implicações morais e sociais.

A apropriação do termo "Jack" também demonstra a fragilidade da educação e das políticas públicas de segurança e ressocialização. Zaluar argumenta que a ausência de espaços de socialização saudáveis e a exposição à violência simbólica e real levam a juventude a internalizar valores criminais.

A linguagem, nesse sentido, é um dos principais vetores dessa assimilação, servindo como uma porta de entrada para uma visão de mundo onde a violência é um recurso legítimo. As políticas públicas, portanto, precisam ir além do combate à criminalidade e abordar a cultura da violência, intervindo em como essa linguagem molda a percepção e o comportamento dos jovens.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O termo "Jack" exemplifica o complexo percurso sociolinguístico de uma gíria carcerária que migrou para a cultura digital juvenil, perdendo sua carga original e se tornando um fenômeno de massa com impactos sociais profundos. Sua vulgarização contribui para a banalização da violência simbólica, normalizando discursos criminais em um público jovem em formação identitária.

Este processo evidencia a influência crescente das mídias digitais na cultura linguística e social, na qual a linguagem carcerária atua como elemento identitário, mas também como potencial vetor de reprodução simbólica da violência e exclusão.

Para enfrentar esses desafios, é imperativo que educadores, mídia e formuladores de políticas adotem abordagens críticas sobre o uso e circulação dessas gírias, promovendo o entendimento de seus contextos, significados e consequências sociais.

Além disso, o fortalecimento de programas de educação, trabalho e ressocialização para detentos, como os exemplificados nos sistemas penitenciários brasileiros, é fundamental para transformar a linguagem e identidade marginalizadas em alternativas legítimas e construtivas para os jovens.

Neste contexto, foi delineado o referencial teórico da análise desta pesquisa, tendo como ponto inicial a Sociolinguística Interacional. Exploramos as contribuições de William Labov para uma compreensão social da língua e suas variações. Além disso, examinamos o papel do preconceito e da ideologia na variação linguística, com base em Bagno (2010). O foco principal foi a Sociolinguística Interacional, que, por meio dos trabalhos de Gumperz (1988) e Goffman (2012), permite aprofundar a compreensão das escolhas lexicais e estratégias discursivas dos apenados. Por fim, abordamos o estudo da gíria a partir de Preti (1984, 2004) e o uso da metáfora, fundamentais para revelar o caráter sociocultural da linguagem no

ambiente prisional. Este arcabouço teórico permitirá responder aos questionamentos centrais desta dissertação e analisar a linguagem como um instrumento de poder e um reflexo da cultura do grupo.

O estudo do termo "Jack" e sua migração do sistema prisional para o universo digital juvenil revela a complexa teia de poder simbólico e preconceito linguístico que opera na sociedade contemporânea. A gíria, que no cárcere funciona como um mecanismo de exclusão e violência simbólica, é apropriada pela juventude em um ato de ressignificação que, paradoxalmente, esvazia o termo de sua gravidade original.

Esse processo, impulsionado pela cultura de memes e pela velocidade das redes sociais, demonstra como a linguagem, uma vez desvinculada de seu contexto de origem, pode ser utilizada para normalizar e trivializar a violência, contribuindo para uma cultura na qual crimes graves são abordados de maneira banal.

A disseminação do "Jack" na cultura digital e a sua aceitação paradoxal pelos jovens, que simultaneamente marginalizam a linguagem carcerária em seu contexto original, ressaltam a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para a segurança pública e a educação. Não se pode combater a violência apenas com medidas repressivas ou punitivas. É imperativo que as políticas públicas compreendam a dimensão simbólica da linguagem e sua influência na formação da identidade e na percepção da realidade. A educação linguística crítica emerge, portanto, como um modelo essencial para capacitação de jovens a decodificar os discursos da violência e a se tornarem agentes de mudança, e não meros reprodutores de um código que ignora as suas implicações éticas.

O fenômeno da gíria "Jack" também lança luz sobre a violência simbólica (Bourdieu, 1998) que se manifesta nas desigualdades sociais. Ao se apropriar de um vocabulário marginal, os jovens podem, de maneira inconsciente, internalizar uma visão de mundo onde a violência é uma norma, e não uma aberração. O papel de Alba Zaluar nesse contexto é crucial, pois ela nos mostra como a criminalidade e sua linguagem podem se tornar um modelo de conduta para jovens em situação de vulnerabilidade, que se sentem atraídos por um senso de poder e pertencimento que a sociedade formal lhes nega. O estudo da gíria não é, portanto, um exercício puramente linguístico, mas uma análise crítica de como as contradições sociais e as dinâmicas de poder se materializam na linguagem.

Em conclusão, a trajetória do termo "Jack" nasce de um código de exclusão no ambiente prisional a um fenômeno viral no universo digital, este que refere-se a um microcosmo que reflete a complexidade da sociedade brasileira. Ela demonstra a fluidez da linguagem e sua capacidade de se transformar em resposta a contextos sociais e tecnológicos. A pesquisa sobre a apropriação de gírias criminais pela cultura juvenil contribui para o debate acadêmico ao sublinhar que a segurança pública deve considerar a dimensão sociolinguística. É fundamental trabalharmos incessantemente para criar uma percepção aguçada sobre a

influência das palavras, porque, em última análise, a maneira como abordamos a violência pode ter um impacto tão significativo quanto o próprio ato violento

A complexidade da migração cultural e linguística da gíria "Jack", ressaltando a importância da compreensão crítica de tais fenômenos para políticas de segurança pública, educação e comunicação.

Este processo evidencia a influência crescente das mídias digitais na cultura linguística e social, na qual a linguagem carcerária atua como elemento identitário, mas também como potencial vetor de reprodução simbólica da violência e exclusão.

Para enfrentar esses desafios, é imperativo que educadores, mídia e formuladores de políticas adotem abordagens críticas sobre o uso e circulação dessas gírias, promovendo o entendimento de seus contextos, significados e consequências sociais.

Além disso, o fortalecimento de programas de educação, trabalho e ressocialização para detentos, como os exemplificados nos sistemas penitenciários brasileiros, é fundamental para transformar a linguagem e identidade marginalizadas em alternativas legítimas e construtivas para os jovens.

Após o estudo constatou – se que, o fenômeno "Jack" reforça a importância das inter-relações entre linguagem, cultura e segurança pública, destacando a urgência de práticas interdisciplinares e políticas efetivas que considerem a dimensão sociolinguística da violência no Brasil contemporâneo.

## **5.1. RECOMENDAÇÕES**

**Educação:** Abordagens que contextualizem a origem e impacto social das gírias para formar uma consciência crítica em jovens.

**Mídia:** Responsabilidade ética na propagação e explicação dos termos para evitar descontextualização e banalização.

**Políticas Públicas:** Investimento em programas educativos e laborais no sistema prisional para oferecer alternativas reais aos detentos e prevenir a reprodução da violência.

## 6. REFERÊNCIAS

1. BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2010.
2. \_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
3. BEATO FILHO, Cláudio; LIMA, Renato Sérgio de. **Como matar crimes? O papel da ciência, da política e do direito**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.
4. \_\_\_\_\_. **Prevenção da Violência e Redução da Criminalidade Juvenil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.
5. \_\_\_\_\_. **Violência urbana e criminalidade: uma análise da dinâmica criminal nas metrópoles**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, n. 97, p. 115-130, 2018.
6. BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge**. New York: Anchor Books, 1966.
7. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
8. \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
9. CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
10. FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coimbra: Almedina, 2001.
11. \_\_\_\_\_. **Language and Power**. 2. ed. London: Longman, 2001.
12. GALINDO, Marilene Marinho. **A Gíria como Processo Comunicativo das Reeduandas do Presídio Santa Luzia: Construção de um Glossário**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
13. \_\_\_\_\_. **Vozes femininas na literatura brasileira entres séculos (XIX-XX): Júlia Lopes de Almeida e falência**. Opiniões, n. 18, p. 74-93, 2021. Disponível em: [<https://revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180072>](<https://revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180072>). Acesso em: 7 set. 2025.
14. GALINDO, Natally Araujo da Silva. **"Índio tem que ser artiloso e não artista": ensino de arte nas escolas Xukuru do Ororubá**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Pesqueira, 2021.
15. GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
16. \_\_\_\_\_. **Interação Ritual: Ensaios sobre a Face e a Fala**. São Paulo: Ática, 2012.
17. GUMPERZ, John J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
18. LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
19. MASSOLA, Gustavo Martineli. **A subcultura prisional e os limites da ação da APAC sobre as políticas penais públicas: um estudo na Cadeia Pública de Bragança Paulista**. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
20. MATOS, Solange Cavalcante de. **A língua dos "filhos errantes da sociedade": uma análise sócia discursiva das gírias do sistema penitenciário do interior do Tocantins**. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
21. MELO, A. R. **Sistema Penitenciário Alagoano: Educação, trabalho e reintegração social para as pessoas privadas de liberdade**. Maceió: Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social (Seris), 2016.
22. PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
23. \_\_\_\_\_. **O Léxico na Linguagem Popular: A Gíria**. São Paulo: Cortez, 2004.
24. SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
25. SILVA, Maria Edileuza Tavares. **Os sentidos da liberdade... O léxico gírio como resultado de uma produção léxica criativa e significativa**. 2008. 133 p. Dissertação/ Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008

26. ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao Paraíso**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora Escuta, 1994.
27. \_\_\_\_\_. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.